

## **DELÍRIOS LITERÁRIOS**

por Ademilson José Saraiva (Júnior)

Num universo paralelo aos planos temporal e espiritual topam-se as almas mais ilustres da literatura brasileira. Haverá episódio mais fantástico que o diálogo desses defuntos-autores?

Saber-se-á se não é também um delírio meu ou mais uma fantasia do Loyola.

Neste plano intermediário, último refúgio das mentes mais fascinantes que passaram por esta terra, realizar-se-á a conferência póstuma sobre nossa modernidade e futuro literários.

E como história e a literatura caminham juntas e evolutivamente – ao contrário do hipopótamo, que ia em direção ao Éden – chegaram-me primeiramente as figuras do Gregório de Matos, do Tomás Antônio Gonzaga e três românticos: Gonçalves Dias, levantando a bandeira, Álvares Azevedo, morrendo de amores, e Castro Alves, clamando por liberdade. E assim, como no suceder dos séculos na história, seguiam sempre em frente os escritores sobre os seus estilos através do meu delírio. Então, passei do barroco até chegar ao moderno, como num sonho de cinco minutos do qual se acorda e lembra-se depois de muito tempo. Tive o privilégio de ver os autores porfiarem e chegarem ao consenso do tratado sobre nosso modernismo e nosso destino literário.

Vi Tomás satirizar a perplexidade de Gregório, e este replicar às personas poéticas do inconfidente neoclássico. Ouvi o Gonçalves exaltar à terra, aos índios, às matas e aves. Vi o Álvares pelos cantos, sempre taciturno e de olhar funesto, contagiado pelo “mal do século”. Castro Alves sempre de braços dados com a liberdade, preso à ela como um condor ao céu. Enquanto de braços dados com a República, lado a lado com a geração de Darwin vinham Machado, Aluísio e Olavo. Contra monarquistas, românticos e burgueses, a favor da realidade e da ciência. E como esta não ofereceu respostas e aquela tornou-se exaustiva, o ciclo continuou e o Simbolismo veio-me como sonho pelo vôo do Cisne Negro, o Cruz e Souza.

Ah!, e agora os pré-modernos!

Estes em nada se pareciam ou quase nada. Pois eram antiacadêmicos e inovadores. Chamavam-me a atenção um poeta entre eles: Augusto dos Anjos. Sujeito magro, raquítico, de linguajar escatológico questionando a originalidade dos escritores.

**Augusto:** - Vermes hipócritas. Vocês viveram como urubus acerca da literatura estrangeira. Sempre praticando a arte necrófila e discutem originalidade. Não me causa transtorno ter praticado todos os “ismos” literários possíveis.

**Cruz e Souza:** - Vocês pré-modernistas de tão antagônicos nem constituíram uma Escola. Erro grave e inútil foi a passagem de Graça Aranha pela ABL.

**Lima Barreto:** - ABL?! Isto é coisa lá para realistas, simbolistas e parnasianos. Nada queremos com a Academia; ela lembra o passado e este lembra escritores admirados por leitores “que não lhe entenderam o escrito”.

**Augusto:** - Por isto, quis antes falar de cuspe, carbono, vômito e vermes.

**Lima Barreto:** - Falamos ainda dos funcionários públicos, do sertanejo nordestino, do caipira paulista, dos índios, dos brancos, dos mulatos e estrangeiros. Falamos da realidade brasileira, do que acontece aqui e agora. Realidade e ficção caminhando como irmãs. Assim como fez o Euclides “n’Os Sertões”. E não apenas Canudos, mas todo o Nordeste foi abandonado pela República café-com-leite enquanto o sul e o sudeste se desenvolviam.

**Euclides da Cunha:** - Maldito e poderoso café! Quem diria que cairias com a urbanização e a indústria. Infelizes sejam nossa prosa e poesia por dependerem de tais realidades.

**Manuel Bandeira:** - Não se preocupem em terem sido delatores do mau. Os jornais estão cheios de tragédias todos os dias. Somos modernos! Nossa literatura é como notícia de jornal. Coloquiais e atuais.

**Oswald:** - Tão atual como foi insultar o burguês e a Academia, falar da urbanização, do processo dinâmico das indústrias. Benditos sejam as revoltas e os revoltosos, as graves e os grevistas!

**Mário:** - Bendita seja a liberdade da cidade! Onde transitavam o nordestino, o burguês, o barão do café, o anarquista, o militar...

**Aluísio:** - Mas os modernistas tiveram a ajuda dos Prado e outros barões do café na Semana de 22. Talvez por isso insultaram os burgueses.

**Mário:** - o que insultamos no burguês foram a superficialidade e valores afrancesados.

**Gonçalves:** - E como dizem ser nacionalistas, pesquisar raízes se foram influenciados por Marinetti.

**Oswald:** - Estávamos num período de definições. Não sabíamos o que queríamos, sabíamos o que não queríamos. E não queríamos o passadismo. Na verdade tínhamos injeção da vanguarda européia diante da cultura nacional, acadêmica e sonolenta.

**Gonçalves:** - Vocês modernistas, pintores ou escritores, Tarsila, Anita, Menotti pintaram a cultura brasileira com as vanguardas européias, portanto não ficaram imunes à importação de estéticas.

**Mário:** - Marinetti cativou-nos pelo sentido destruidor e inovador da literatura, puxados pelo avanço industrial. Buscamos sobretudo o nacionalismo, mas não o romântico e ufanista do “verdamarelo”.

**Oswald:** - Antes sim o antropofágico, o nacionalismo crítico da realidade brasileira. “Como falamos. Como somos”. Pois na era do caos a gramática menos importa. Pois toda e qualquer estética importada “de tão fácil virou fóssil”. Pois o que importa é o experimentalismo.

**Mário:** - Esse experimentalismo aliado às nossas individualidades, sem contar os amores em comum, valeu-nos a amizade de vários colegas.

**Machado:** - Vocês também não foram tão realistas. Os mitos indígenas, o ilogismo do Abaporu de Tarsila, que formularam, nada disso foi real.

**Cruz e Souza:** - Por que se prender tanto ao rancor da realidade. Veja a geração de 30, muitos foram neo-simbólicos; exaltaram o neoclassicismo, como Cecília Meireles; falaram de amor, separações e carnaval, como fez Vinícius de Moraes, ou uniram surrealismo e realidade como Murilo Mendes.

**Carlos Drummond:** - ...mas não perderam o contato com a realidade social. Não seriam tão tolos, assim como não foram tolos os prosadores preocupando-se com as relações do eu com ou mundo em anos de repressão, angústia, golpes de estado e guerra. Por isso são chamados de neo-realistas.

**João Cabral:** - A geração de 45 é que foi perfeita: retrocedeu ao academismo, foi nacionalista e universal, madura e experimental, pesquisou a linguagem, a rima, a métrica, mas foi engajada.

**Guimarães Rosa:** - É o chamo de neo-modernismo, a união da 1ª e 2ª gerações: o reflexo de um Brasil consumista, em democratização, do cruzamento social das metrópoles, do novo mundo polarizado politicamente visto pela TV, “da Rosa de Hiroshima”.

**Oswald:** - Mas de que importa se as gerações futuras me elegeram um ícone. Dos concretos aos tropicalistas. A Tropicália foi a segunda reação da Semana de 22 e da Antropofagia. Tom Zé, Caetano, Gil, Oiticica, Duprat, toda aquela cultura pop devorou a contracultura do pop/rock estrangeiro para pintá-la à brasileira. Eles foram mais politizados, pois estavam em anos de censura, ditadura e repressão, como a geração de 30. Isso é sinal de que anos depois a Semana de 22 não passou. Nossas individualidades e experimentalismo, hoje, são sinônimos de produtividade.

**Machado:** - Mas a contracultura continuará desfalecida depois dos sessentistas.

**Oswald:** - Não creio. A nova arte depende do sincretismo cultural, literário e social

**Carlos Drummond:** - A arte que nos livrará do eterno messianismo literário. A favor dela a amalgama e o ecletismo.

**Mário:** - Para o romântico, o realista, o simbolista, o urbano, o camponês, o religioso, o profano, o xenófobo, o antropofágico...: A arte literária nacional/universal, com rima e métrica ou nem isso.

**Manuel Bandeira:** - A literatura feliz dos depressivos, a lucidez dos bêbados, a profana dos padres e beatas, a pureza das prostitutas; e ainda a literatura do amor virtual, da felicidade comprada. A literatura onde coexistem todas as literaturas, todos os sentimentos, todas as realidades. Como na vida onde tudo é possível.

Sou um escritor contemporâneo. É explicação suficiente ao leitor contemporâneo e preguiçoso. Não me lembro mais do que vi e ouvi. Mas o que falei agora foi suficiente.

Por dizer ter sido um delírio perdi toda a magia do texto. Talvez meu estilo pomposo também foi imaginação, delírio, magia... Mas “não há vagas” para magias agora. Cabe só a vida neste instante – “onde tudo é possível”.

Juro que nunca pensei as palavras dos autores. Admito ter colocado palavras aqui e ali, para alongar o texto já que nada faço nesse mundo modorrento.

Porém nunca falaria sobre o que não vivi. Aliás, talvez até eu tenha vivido. Vivi a literatura nos livros que li.

Viver a literatura. A literatura-processo: Progresso do presente – mesmo que o poeta olhe o passado sem repudiá-lo ou que o repudie e mire no futuro. Ou então, que traga o passado para o presente visando ao futuro. É como uma criança que leva seus bisavós p’ra jogar videogame, ou um vovô que traja seus netos com roupas da década de 30.

Essa é a nova literatura – amalgama e ecletismo. De todos. Para todos: ricos, miseráveis, bons e maus. Sou um escritor contemporâneo. E fica assim subentendido que bom ou não, sou escritor.